

GÊNESE E OBJETO DA GEOGRAFIA: PASSADO E PRESENTE

A geografia responde, como outros conhecimentos, à necessidade de descrição e explicação do mundo: da natureza que nos envolve e cujas leis de funcionamento nos interessam, bem como da sociedade, cujas leis, mais complexas e mutáveis, igualmente fazem parte do interesse dos homens. Assim, os conhecimentos geográficos aparecem timidamente desde os tempos primitivos da humanidade (as tábuas de navegação dos polinésios, conforme o exemplo de De Martonne). Continuaram e se sofisticaram com as primeiras civilizações da China, Mesopotâmia, Grécia, etc. Mas foi entre os gregos que alcançou as primeiras conotações de ciência.

Coincidentemente foi nos séculos V e IV a.C. que ela alcançou entre os gregos os primeiros sinais de maturidade, com Heródoto e Tucídides pais ao mesmo tempo da geografia e da história. Igualmente nesta época a cultura grega alcançou o máximo de sua maturidade na Filosofia (Sócrates), no teatro (Sófocles), entre outras áreas de conhecimento. Provavelmente geografia, história, filosofia, teatro, etc, amadurecidos na mesma conjuntura, responderam a perguntas, indagações e dúvidas que diziam respeito às mudanças radicais sofridas pela civilização grega. Demóstenes lembra que antigamente se falava da vitória dos atenienses e Maratona ou em Salamina, enquanto que depois era a tal ou qual general que cobria o mérito de ter vencido o inimigo; a demissão política do povo ateniense, no dizer de C. Moisés (As instituições gregas) foi acompanhada de sua predileção pelos chefes militares gloriosos, que a divindade indicava através da vitória.

Tratou-se de uma prolongada e conflituosa substituição do modo de produção antigo (Marx), isto é, da pequena produção mercantil sólida, baseada na separação de camponeses e artesãos livres e prósperos, por uma paulatina diferenciação social que conduziu ao empobrecimento de parte dos camponeses, com resistências na defesa da reconstituição de um certo igualitarismo (reforma de Sólon, entre outros), e a emergência de uma aristocracia rural, que se baseava crescentemente no trabalho escravo. Assim sendo, a primitiva vitalidade dos tempos homéricos foi sendo substituída por um crescente prestígio da guerra e desprezo pelos ofícios artesanais, que chamou atenção de Heródoto, ao comparar gregos e egípcios.

A passagem conflituosa do igualitarismo ligado à comunidade primitiva e posteriormente à pequena produção mercantil, base material da democracia grega a um sistema crescentemente escravista e desigual está na raiz da mudança da sociedade grega. A altura dos séculos V e IV a.C., a intelectualidade se pergunta o que havia mudado e por

que os gregos daquela época não eram mais os gregos de antigamente. Para tentar responder a estas dúvidas surgem várias tentativas: 1) a história procurou o caminho no esforço de decifração do passado; nas instituições primitivas, nos acontecimentos bélicos, que haviam ocorrido; 2) a geografia realizou seu esforço de cotejar os gregos daquela conjuntura com os chamados, bárbaros, tendo Heródoto muitas vezes realizado nos seus escritos comparações elucidativas e participado ativamente de viagens ao mundo exterior conhecido de então; 3) a filosofia de Sócrates, diante dos primeiros problemas psicológicos nas relações sociais e individuais alienadas, procura o caminho do “conheça-te a ti mesmo”; 4) o teatro, como por exemplo, na Antígona (Sófocles), coloca as questões das leis antigas e novas que dilaceravam o destino e a felicidade humana.

Nota-se que tanto geografia, história, filosofia e teatro tendiam a ter visões globais, abrangentes, que procuravam descrever e explicar a realidade, sem estabelecer limites rígidos para o seu pensar. O objeto da geografia, desde os seus inícios gregos até hoje, tem girado em torno de uma visão holística que abarque o natural e o social, mesmo que suas leis não sejam estritamente as mesmas e suas relações sejam mutáveis e de difícil apreensão.

A geografia, além da gênese grega, teve uma segunda gênese, entre os alemães do início do século XIX. Ao longo dos séculos XVI-XVIII várias ciências foram se setorializando em relação ao conjunto dos conhecimentos humanos, como a política (Maquiavel), a economia (Smith), etc, mas a geografia que começa a ser repensada por Kant e Hegel é, como a grega, globalizadora, continuando a abranger campos que foram se setorializando (águas, clima, solo, economia, etc) anteriormente. Seu mérito, como o da história, foi de se manter um cruzamento de conhecimentos que se iam especializando aceleradamente. Por isto mesmo o conhecimento geográfico do delta do Tonquim foi tão importante estrategicamente para americanos e vietnamitas.

Assim sendo, as contribuições gregas como as germânicas (Humboldt e Ritter) e as posteriores contribuições da escola geográfica francesa (La Blache), continuam de viva utilidade hoje em dia, a medida que a geografia encontra mais intensamente o marxismo após a derrota americana no Vietnã. Tanto geografia como marxismo tem a tendência à postura holística, hoje cada vez mais indispensável às tentativas de decifrar a complexidade do mundo. Cabe aos geógrafos de hoje retomar a tradição que a “École des Annales” (L.Febvre e M. Bloch) herdou de Vidal de La Blache e que tanto vitalizou a história; isto é a procura incessante da interdisciplinaridade, que na década de 40 aparecia nitidamente em L.Febvre (*Géographie Linguistique*), G.Le Brás (*La géographie*

religieuse), F.Braudel (*Une géographie de l'individu biologique?*), H. Baulig (M.Bloch, *géographie*), etc. Mas enquanto a ótica da interdisciplinaridade dos geógrafos, devido a composição social de suas lideranças, acabou aprisionada pela rigidez da busca das permanências, o caráter transitório dos acontecimentos, questionando a própria noção de região, pois esta dependia, na verdade, do problema e da época que se tinha em mente, como assinalou já em 1913 M.Bloch: “por que devemos esperar que o jurista interessado no feudalismo, o economista que está estudando a evolução da propriedade no interior do país nos tempos modernos, e o filólogo que trabalha os dialetos populares tenham todos que respeitar fronteiras precisamente idênticas?” (P.Burke: *A escola dos Annales: 1929-1989*).

E não se tratava de uma interdisciplinaridade fria, mas ativa. M.Bloch julgava necessário que o historiador regional combinasse as habilidades de um arqueólogo, de um paleógrafo, de um historiador das leis e assim por diante.

Além da interdisciplinaridade, havia da parte da geografia e posteriormente da história a preocupação pela totalidade, pela realização de estudos globais, que distinguíssem vários níveis da “construção” estudada, desde os alicerces e do porão até o sótão, o que significava um primeiro nível de forte participação dos fenômenos naturais na via humana (de mudanças lentas), um outro nível de atuação das estruturas econômico-sociais e um nível mais elevado dos acontecimentos políticos e eventos em geral. Mas aqui novamente uma diferença importante: enquanto na geografia a preocupação por causalidade freqüentemente se prendeu à rigidez do esquema possibilismo-determinismo nas relações homem-meio, entre os historiadores, muitas vezes até espontaneamente ou por influências marxistas, foi-se percebendo a existência de múltiplas determinações, desde aquelas naturais até as econômico-sociais, políticas, culturais, etc, como aparece em F.Braudel, por exemplo.

A renovação por que passa a geografia atualmente requer uma radicalização teórica, no sentido de recuperar a interdisciplinaridade e a visão de totalidade propiciadas pelos paradigmas de formação sócio-espacial e de geo-sistema. Isto quer dizer que quem faz geografia humana deve assumir funções não somente de geógrafo estrito-senso, mas de historiador, economista, sociólogo, etc.